

No Congresso, menos batom e mais militância

A nova bancada feminina quer se afirmar pela luta

MARIA LIMA

BRASÍLIA — Na última legislatura, a Deputada Rita Camata (PMDB-ES), que pela juventude e beleza ganhou o título de "musa da Constituinte", era a grande atração da bancada de mulheres que chegava ao Congresso Nacional. Nestas eleições a bancada feminina cresceu de 25 para 29 deputadas, mas o que mais chama a atenção é o perfil "progressista" das novas eleitas e não a idade ou os belos traços. Sai a "turma do batom", capitaneada por parlamentares excessivamente produzidas como Eunice Michiles (PFL-AM), Sadie Hauache (PDS-AM) e Rita Furtado (PFL-RO), e entra em campo um time determinado a fazer barulho, muito barulho.

Da composição atual da Câmara dos Deputados, apenas oito das 25 mulheres conseguiram se reeleger em 3 de outubro. Uma bancada feminina inexpressiva no conjunto dará lugar a uma turma muito mais offensiva, a maioria eleita pelo PDT (seis), PT (cinco), PC do B (duas) e PSB (uma). A nova bancada feminina vem com maior respaldo das urnas e algumas de suas integrantes figuram na lista dos campeões de votos em todo País, como é o caso de Rita Camata, Roseana Sarney (PFL-MA), Cidinha Campos (PDT-RJ), Socorro Gomes (PC do B-PA) e Ângela Amin (PDS-SC).

Na ala mais à esquerda das deputadas, a atuação política e o engajamento em movimentos populares foram fatores determinantes para sua eleição. A nova Câmara conviverá, por exemplo, com a sindicalista Maria Laura (PT-DF), considerada uma das mais ativas lideranças dos servidores públicos da Capital Federal; Regina Gordilho (PDT-RJ), responsável pela rumorosa campanha de moralização da Câmara Municipal do Rio de Janeiro; a médica Jandira Feghali (PC do B-RJ), uma das mais autênticas Deputadas estaduais do Rio; e a radialista Cidinha Campos (PDT-RJ), que, embora estreante, é considerada desde já um dos temperamentos mais explosivos da nova bancada feminina.



No outro extremo, estão parlamentares que conseguiram votações surpreendentes, que se justificam principalmente pelo parentesco com caciques da política nacional. Estão com mandato garantido por quatro anos, graças ao fator "marido", as Deputadas Ângela Amin (PDS-SC), esposa do ex-Governador Esperidião Amin, eleito para o Senado; Maria Frota Bezerra (PMDB-AC), esposa do Senador Aluísio Bezerra; Maria Valadão (PDS-GO), esposa do ex-Governador Ari Valadão; Teresa Jucá (PDS-RR), esposa do Governador Romero Jucá Filho; Auricélia Freitas (PDS-AC), esposa do Deputado Narciso Mendes; e Etevalda Grassi (PMDB-ES), esposa do Deputado Nider Barbosa. Neste grupo, figura também Roseana Sarney (PFL-MA), que depois de assessorar o pai, o Presidente José Sarney, no Palácio do Planalto, disputou um mandato e obteve uma das maiores votações em seu Estado, o Maranhão.

Na condição de esposas que conseguiram alcançar voto próprio e pararem para o segundo mandato estão

Rita Camata, esposa do Senador Gérson Camata; Lúcia Vânia Costa (PMDB-GO), esposa do Senador Irapuan Costa Junior; e Lúcia Braga (PDT-PB), esposa do ex-Governador da Paraíba Wilson Braga, que está disputando o segundo turno para ocupar novamente o Governo de seu Estado.

Da bancada atual, conseguiram voltar ao Congresso as Deputadas Benedita da Silva (PT), Irma Passoni (PT-SP), Beth Azize (PDT-AM), Lúcia Braga, Lúcia Vânia, Raquel Cândido (PDT-RO), Rita Camata, Rose de Freitas (PSDB-ES), e Sandra Cavalcanti (PFL-RJ). Em contrapartida, saem nomes conhecidos como o da Deputada Cristina Tavares (PDT-PE), uma das mais autênticas representantes da ala "progressista" no Congresso Nacional, Dirce Tutu Quadros (PMDB-SP), filha do ex-Presidente Jânio Quadros, e Bete Mendes (PMDB-SP). Não conseguiu retornar ao Congresso também a Deputada Rita Furtado (PFL-RO), esposa do ex-Secretário Geral do antigo Ministério das Comunicações Rômulo Furtado.